



**Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Pedagogia**

DÉBORA DE JESUS NASCIMENTO

EDUCAÇÃO NAS DIMENSÕES DAS TECNOLOGIAS

**SALVADOR
2013**

DÉBORA DE JESUS NASCIMENTO

EDUCAÇÃO NAS DIMENSÕES DAS TECNOLOGIAS

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia como requisito final para a obtenção do título licenciada em pedagogia.

Orientador: Menandro Celso de Castro Ramos

Salvador
2013

DÉBORA DE JESUS NASCIMENTO

EDUCAÇÃO NAS DIMENSÕES DAS TECNOLOGIAS

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia como requisito final para a obtenção do título licenciada em pedagogia.

Banca Examinadora

Menandro Celso de Castro Ramos - orientador

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA.
Universidade Federal da Bahia

Jamile Borges

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA.
Universidade Federal da Bahia

Miguel Angel García Bordas

Doutor em Filosofia - Universidad Complutense de Madrid – UCM. Pós-doutor em Sociosemiótica na Universidade Autònoma de Barcelona - UAB

AGRADECIMENTOS

Deus....

Família...

Amigos ...

Escrever uma dedicatória nem sempre é algo fácil, lembrar de todos que nessa extensa trajetória fizeram parte de meu percurso é ao mesmo tempo que, gratificante e estimulante, tarefa ingrata pelo medo de deixar nestas linhas, mas jamais na memória e no coração, alguém de fora.

Nesse caminho longo, permeado por grandes alegrias, algumas levas de choro. As pessoas sem sombra de dúvidas foram as sementes que foram germinando num caminho inesperado, que tornou-se um jardim diversificado com flores de aparência atrativa, outras espinhosas, mas com resultado único, um jardim diversificado. Por isso decidi neste momento agradecer, as flores. As flores que ainda nos abrilhantam, meu muito e grandíssimo obrigado. As que já foram ceifadas pelos caminhos da vida, nos restam a saudade e a tristeza pela falta de sua beleza, mas guardo comigo, sempre vivo o pensamento de Mário Quintana “A amizade é um amor que nunca morre “ nosso amor estará vivo para sempre em meu peito e sua lembrança viva, querida Tita. A lazineira, que muito cedo se foi mas, me ensinou e cuidou, me propiciando a formação inicial, para que eu chegasse com muitos aprendizados, a Universidade.

A minha mãe, minha grande admiração pela mulher forte e guerreira que é, que mesmo com todas as intempéries da vida me ensinou a ser forte, lutar pelo que desejo e a nunca desistir. A minha segunda mãe, Dedete, pelos conselhos e vários puxões de orelhas, me ensinando sempre e acreditando em mim, obrigada. A minha amada família, Bernadete, Isaías, T. Alaide pelas palavras de incentivo e a você, Thaís que tem me acompanhado, ouvido e estimulado a não desistir, estando sempre ao meu lado, amo vocês.

Aos amigos distantes conquistados em tantos lugares, inclusive na rede, Abraão, Bruna, Dayana, Ícaro, Ítalo e aos sempre presentes Ricardo, valeu e vale muito à pena ter vocês em minha vida. Aos meus amados filhotes, Aisha, Ayala, Débora, Preta, Benício, Benjamin e Emanuel um salve, vocês são minhas inspirações.

E a DEUS, pela sua proteção e auxílio, sem ele nada teria sido possível e conquistado.

Resumo

Esta pesquisa monográfica investigou a respeito dos aparatos tecnológicos que a humanidade vem dispendo por meio de suas invenções e reinvenções que tem possibilitado a inteligência humana ser potencializada dispendo a humanidade por meio do desenvolvimento de diversas tecnologias uma remixada nas estruturas arregimentadas na sociedade, tornando possível a emancipação humana por meio da multi referencialidade que este ambiente de mudanças proporciona, anunciando alterações de uma cultura centralizadora unilateral, para a cultura colaborativa universalizante que emergiu a sociedade na descrita era digital, propiciada pelos sistemas de aperfeiçoamento humanos e da infinidade de tecnologias possíveis no panorama atual da cibercultura, mas sobre todo este espectro de universalidade, a sobrevoam. A massificação da utilização deste recursos não estariam assegurando uma efetividade ainda incabível sobre os mesmos? E efetividade da apropriação e assimilação dos indivíduos tem sido levada em conta? Estes recursos aumentam a probabilidade de sucesso ou a sua efetividade?

Para isto na pesquisa de caráter bibliográfico o método investigativo foi utilizado. Pretendendo assim, relacionar a tecnologia como nexos fundamentais para a compreensão dos processos de abertura, plurissignificação e reconceitualização da cultura e dos processos de autonomia do conhecimento, bem como da educação, acesso e produção dos conhecimentos disponíveis a cada indivíduo, para isso a compreensão da historicidade dos processos, instrumentos e das relações que cada período histórico desenvolve uma composição de tecnologias das quais a apropriação e seu poder muitas vezes restringem-se as elites e as classes mais abastadas, que se utilizam delas para o reforço das desigualdades e para a reprodução da riqueza desta forma a perspectiva desses históricos são fundantes para uma reflexão sobre o papel que as tecnologias desenvolvem sobre o agrupamento humano.

Palavras-chave : educação, cibercultura, abertura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
Capítulo 1- Caminhos na difusão do conhecimento.....	11
Capítulo 2- AS DIMENSÕES DA REDE.....	19
2.1- Cibercultura.....	19
2.2- Software livre e colaboração.....	23
Capítulo 3- REDE E POSSIBILIDADES DE COLABORAÇÃO.....	26
3.1- Os sistemas.....	28
3.2- Os tipos	30
Capítulo 4- EAD.....	32
4.1- A necessidade de reorientação do papel do professor	33
4.2- EAD e criatividade.....	34
Capítulo 5- REA.....	36
Inspiração, motivação, colaboração: algumas considerações.....	40
Referências	44

Introdução

Pensar a cibercultura e discuti-la é pensar para além dos regimes de aprisionamento do conhecimento que os avanços do capital nos imergiram, e tem tentado submeter o conhecimento. É pensar para além do tradicional, propor para além do que esta posto, perceber a sociedade como produtora e ressignificadora de sua cultura, dos seus processos de aprendizagem e compartilhamento destes saberes. Palavras como interatividade, conectividade, conhecimento, construção em rede, criatividade fazem parte desse emergente espaço tecnológico. "Vivemos a era inter. Estamos vivendo um tempo em que a atenção está voltada para a internet, interculturalidade, a interatividade, a interação, inter-relação, a interdisciplinaridade e a integração" ... (Barbosa, p. 1)

Mas o que é mesmo esta cibercultura? Quais processos que ela nos apresenta como possíveis? Quem são seus sujeitos? Por quais motivos ela afirmativamente altera a difusão do conhecimento? Na educação, quais mudanças ela acarreta? Os processos educativos diante dela ,como ficam? Ela inverte papéis desafiando o que esta posto pelo capital ? Os aspectos cognitivos dos indivíduos, empiricamente trazidos pelos subsídios da psicologia tem sido levados em conta? São infundáveis os questionamentos todos fruto dessa intensa modificação de estruturas em que estamos inseridos nós educadores ou não, nós seres humanos produtores, inspiradores, motivadores, colaboradores e por fim consumidores das infinidades dessa tal cibercultura.

Para compreender esta cibercultura da qual tão perenemente se fala é preciso retornar a história, fazer uma reflexão quanto a historicidade do processo comunicacional que nos evolui, induz até ela bem como em outras áreas do desenvolvimento humano, já que nenhuma mudança na sociedade ocorre a esmo, solta no espaço temporal, são todas fruto do desenvolvimento que as transformações nos proporcionam, conseqüentemente, nos contextualizando e recontextualizando, desse modo se pensarmos nas primeiras formas de comunicação retornaremos a pré-história, já que desde os primórdios da presença humana a necessidade de comunicação e linguagem sempre estiveram presentes. Nessa perspectiva devemos compreender que no processo histórico humano em cada época, se desenvolve uma tecnologia humana que vai sendo aperfeiçoada em fusão da evoluções tecnológicas e técnicas empregadas em cada período, demonstrando a desenvoltura do intelecto humano e o poder de criação e re-criação e recombinação dos

mesmos.

Investigar esse tema que considero de suma importância foi desafiante, desestruturante e motivador já que em grande parte o tema é visto muitas vezes de uma perspectiva de grande apropriação tecnicista e em menor proporção de educadores que ainda tem estado distantes, à margem das discussões e apropriações digitais, ainda que do alto de nossa contemporaneidade e da constante requalificação profissional nos empurrem a cada vez mais a estarmos imersos nessa cadeia digital, a necessidade de uma verdadeira apropriação entre tecnologias mais educações, ainda tenham muitos megabytes de velocidade para percorrer, nos empurrando para a amplificação e uso das mesmas. Por maior que tenha sido a busca, o tratamento delas como áreas correlatas ainda não é real são tratadas como áreas distintas, ainda que por maior que esteja sendo a apropriação e a relação entre essas áreas a verdadeira relação didático-pedagógica e do ensino aprendizagem das tecnologias e uso das mesmas sobre os processos educacionais ainda são compreendidas de uma base classicista ou negligenciada, quando se trata apenas de um prisma técnico, é importante que fique claro que a intenção com essas reflexões são a de se pensar como tem sido concebidas as abordagens a este respeito, a ideia não é pedagogizar as compreensões, até porque particularmente seria isso, danoso.

A análise de forma profícua da tecnologia mais educação e suas relações ainda são demasiadamente estudos feitos sobre conceituações "clássicas" a exemplo de quando se fala da inserção do computador, Freire é sempre citado sobrepunhando-se o tecnológico que talvez não esteja de acordo com essa nova cognição, que a cultura digital insere sobre esse ambiente da cultura digital, das TICs de uma vez por todas rompem com essas visões clássicas, que se adequaram perfeitamente em seus períodos de concepção e até muito tempo depois dos mesmos mas é factual que compreendamos que cada período pede e demanda teoricamente de novas ou readequações das compreensões feitas no passado, não queremos com isso invalidar o que está posto mas atentarmos para um olhar amplificado e quando necessário crítico.

Minhas experiências no meu campo de trabalho, fizeram pensar em perspectivas muitas vezes desanimadoras sobre as tecnologias e sobre a relação destas com a educação, mas em outros tantos momentos num sentido animador e crítico. Acredito caber neste momento uma breve explanação a cerca de minhas experiências profissionais já que foram estas que me incomodaram, encaminhando-me para o pensar e o experimentar de forma mais profunda a relação desde a mais tenra idade do indivíduo

com a tecnologia, com essa forma simplista que para alguns ela se apresenta e a complexidade para outros acreditam existir sobre o digital. O indivíduo em formação da criança ao adulto, faço essa afirmação porque se um dia se pode afirmar que ao alcançar a idade adulta podíamos crer na completude da formação de uma pessoa, esse pensamento já foi a muito invalidado não sendo mais permissível nesta nova era em todos os aspectos, mas do que nunca nessa infinidade que é o digital esta crença já não é mais possível, pois as compreensões são de que a formação humana é infinita e inacabada.

A constante forma de readequação a sociedade assim como os sujeitos imersos no ambiente cibercultural são dadas a sua própria lógica de intensa modificação e evolução exigindo dos indivíduos apreensões em nível cada vez maiores e rápidos, esta gama de conexões, contornos desenhados por este grupos como o da (EJA), e os *on-line*, que considero mais instigadoras ao desejo desta pesquisa. Oportunamente tive no Serviço Social da Indústria (SESI), a possibilidade de desenvolver com meus educandos um papel de animadora da inteligência coletiva, como nos traz Levy em seus tantos escritos, através do uso das TICs, apesar da minha compreensão naquele momento ainda reduzida a respeito dessa cultura colaborativa digital, onde eles tiveram a possibilidade de desenvolver-se no aprendizado das capacidades linguísticas bem como matemáticas dentre outras além de sua "tímida" inserção no mundo digital, onde puderam acessar, manusear e explorar, em um estágio ainda embrionário, já que o tempo reduzido dividido entre outras aprendizagens não nos permitia maior aprofundamento, mais tempo suficiente para instigar a dinâmica, a curiosidade pessoal e as necessidades da vida moderna.

Posteriormente iniciei minha pesquisa PIBIC intitulada " Pierre Levy : tecnologias da inteligência e educações " desenvolvida dentro do Grupo de Pesquisa, Educação e Tecnologias (GEC) e nas leituras desenvolvidas no caminho, cheguei a muitas percepções e conclusões antes inexistentes sobre as relações que envolvem educação e tecnologias, muitas baseadas nos pensamento de Pierre Levy mas outras tantas em discussões nas reuniões do grupo de pesquisa onde pude perceber que sair da exclusão digital é muito mais que ter apenas acesso a um computador aparato técnico, é estar ligado, conectado, ser sujeito ativo e participante dessa rede, relacionando e perpassando por fatores que estão imbricados também a realidade social brasileira que terminam por consonância tornando a exclusão digital uma problemática que atinge ainda grande parcela da população brasileira apesar de muitos desses excluídos terem acesso a ela

mas não terem sobre ela domínio ou inserção real terem acesso a ela, ou seja o problema do acesso e de participação tecno democrática antecedem problemas sociais estabelecidos e arregimentados todos os dias na sociedade. Incluir não é só possibilitar o acesso mas a apropriação.

Estas observações bem como a leitura dos textos de autores como Pierre Levy e Lawrence Lessing, Sérgio Amadeu, Nelson Pretto, Edmea Santos e outros que foram necessárias para a pesquisa “ Pierre Levy : tecnologias da inteligencia e educações ”, da qual fui bolsista de iniciação científica, foram motivadoras para escolha do tema deste trabalho....*a pesquisa é um "procedimento reflexivo sistemático, controlado e critico, que permite descobris novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento"...*(Ander-Egg,1978:28 apud Marconi e Lakatos,pg. 1)

Assim em consonância com o orientador Menandro Ramos a metodologia escolhida para dar cabo e embasamento empírico as concepções teóricas deste trabalho científico e respaldar este trabalho de conclusão de curso foi a pesquisa de caráter exclusivamente bibliográfico sendo nestas bases fundantes que encontramos nossos alicerces para a fundamentação desta monografia. De acordo com os tipos de pesquisa trazidos em seu livro Marconi e Lakatos, apontam algumas tipologias de pesquisa dentre as quais a melhor definição que se aplica a este trabalho é a de Ander-Egg 1978:33, que define a pesquisa básica ou pura" como aquela que objetivamente busca o progresso científico bem como a ampliação dos conhecimentos" sendo a melhor definição da metodologia empregada nesta pesquisa que busca ter caráter de amplitude e acréscimo sobre o tema proposto. As etapas de construção desta foram o levantamento de material para leitura, a seleção dos mesmos, o fichamento.

Partindo dessas indagações que em grande parte foram construídas durante o percurso da pesquisa que desenvolvi no Grupo de Pesquisa, Educação e Tecnologias (GEC), me propus a trabalhar e aprofundar um pouco mais nesses estudos da cultura digital, cibercultura e dos eixos de suas relações, neste trabalho de caráter essencialmente bibliográfico, é explorado o papel que as mudanças tecnológicas tem desempenhado e propiciado ao campo educacional não restringindo-se apenas ao campo educativo pois tentar fazer essa restrição seria um erro de separação do que esta imbricado. Desta forma diante do que sera exposto esta pesquisa objetiva descobrir respostas, mas também fazer questionamentos sobre a atualidade do papel da era digital sobre a educação e os indivíduos como partícipes deste processo de mudanças no sentido de aumentar as possibilidades e o conhecimento e como estes tem se colocado

ou não frente as demasiadas mudanças. Entendendo-se a "ciência como cumulativa, esta sujeita a sucessivas e contínuas revisões"

Capítulo 1

Caminhos na difusão do conhecimento

Se pensarmos nas primeiras formas de comunicação retornaremos a pré-história, onde já se manifestava a necessidade de comunicação e linguagem ainda presentes na humanidade, devemos compreender que no processo histórico humano em cada época é desenvolvida uma tecnologia que vai sendo aperfeiçoada em fusão das evoluções humanas, tecnológicas e técnicas empregadas em cada período que se inserem no cotidiano, assim devemos também compreender a linguagem e a escrita como parte destas tecnologias.

“ A linguagem oral, a escrita e a linguagem digital dos computadores são exemplos pragmáticos desse tipo de tecnologia” Kenski, pg. , 2003.

Levy, 1993, categoriza o conhecimento existente na sociedade em três formas diferentes: “a oral, a escrita e a digital” e será nessa perspectiva que refletiremos nesse primeiro momento, já que o objetivo é ter maior clareza do que será discutido posteriormente, de acordo com os períodos históricos inerentes aos sujeitos e as tecnologias, como Santaella afirma “nenhuma tecnologia da comunicação borra ou elimina as anteriores, juntam-se na composição intrincadíssima de uma cultura hiper-híbrida” e desta forma devemos compreender que essas tecnologias coexistem e que cada uma foi necessária para o posterior estabelecimento de outra, complementando-se.

“É a linguagem que está a serviço da vida e não a vida a serviço da linguagem” Leminski, 1977, assim o homem desenvolve sua linguagem criando possibilidades complexas para relacionar-se e desenvolver-se tecnologicamente. Desse modo, desde a pré-história, o homem busca comunicar-se com seu seus semelhantes ou não, os primeiros registros antropológicos de comunicação datam de um momento em que esta dava-se através de sinais, que demonstram possivelmente a primeira forma de tentativa de estabelecer fala. Em paralelo, apresenta-se o que foi verdadeiramente a comunicação nesse período, as pinturas que, denotam que o “armazenamento” de sons e ideias bem como sensações na linguagem figurativa, baseavam-se nas representações estritamente visuais, que davam margem para um ambiente nebuloso, incerto, vivia-se na dependência

da natureza.

“Houve um tempo em que a comunicação a longa distância era o som da voz humana ecoando pelos vales, e a tecnologia mais avançada significava um jeito melhor de lascar a pedra. E o mundo, por mais vasto que fosse, acabava no horizonte, onde a vista alcançava”. (GONTIJO, 2004, p.13)

Posteriormente, chegamos a fase em que a oralidade primária, era a figura central no processo de comunicação e desenvolvimento humano, através dela que a manutenção da história e do conhecimento se davam, podendo perpetuar-se ou não, os mitos e os ritos mantinham e propagavam os conhecimentos, havia uma mistura de religião, arte, mágica, o saber necessitava de emissores que muitas vezes alteravam os fatos, atualizando-os ou simplesmente os reinventando, a mensagem era carregada de afetividade. “As tradições orais sobrevivem através do relato de atividades e de histórias contadas, muitas vezes atualizada por meio de atos criativos que reinventam ações gravadas na memória” (LÉVY, 1996, p.55). O saber dependia do deslocamento dos seus emissores, que se não transmitissem o que sabiam, morriam com a informação e ali esta se perdia, a presença física era fator condicionante, o conhecimento era temporal e subjetivo, pois ganhava significado e sentidos diferentes a partir das reinterpretações dos sujeitos. É neste contexto que se apresentam as artes, da interpretação, da música como necessidade, para que a compreensão dos saberes e contexto fora de seu local de acontecimento fossem compreendidas quando emitidas e dessa forma fossem preservadas e continuadas a história, caracterizando-se essa sociedade oral primária pela repetição e uso essencial da memória auditiva, que é a mais antiga forma pela qual o homem aprende, sistematiza e compartilha o conhecimento. Como trazem diversos autores, Lévy, (1993, p.76) “reforça que foi essa a nossa primeira tecnologia, a linguagem falada, distinguindo assim o homem da natureza”, sintetizando:

As sociedades da oralidade primaria, também chamada de culturas orais, ágrafas, culturas sem escrita, culturas não-letradas, culturas oralistas, culturas verbomotoras ou acústicas, são por excelência o lugar dos narradores, dos mitos e das lendas. O tempo, nessas sociedades, é concebido como um movimento cíclico, num horizonte de eterno retorno, um devir sem referencial e nem vestígio. A narrativa aparece impregnada das marcas pessoais do narrador, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. A mensagem é dirigida a outros sujeitos que, por sua vez, participam do mesmo ato, contexto e

situação comunicativos. Assim, mergulhados nas mesmas circunstâncias, narrador e ouvintes compartilham as mesmas palavras, do que resultam compreensões muito próximas. (Ramal, 2002, pg37)

Na evolução da sociedade, a oralidade já dava sinais que necessitava de novas formas de comunicação que possibilitassem registro, fixação da memória e linearidade que até então a tradição oral não possuía, suporte que permitisse tal fixação, e partindo dessa necessidade, desenvolve-se uma tecnologia intelectual que por muito tempo foi considerada como uma das maiores e mais eficientes evoluções humanas, a escrita, um dos meios mais populares de se comunicar da era moderna, assumida por alguns como sendo uma tecnologia, mas se analisarmos o seu surgimento veremos que para ela se estabelecer foi necessário o uso do potencial humano e foi por ela que pela primeira vez a fala na sua transcrição literal pode ser congelada transmitida a distância para locais variados independente do tempo, dando ao conhecimento autonomia, por meio e por ela , potencializou-se a comunicação, ela inaugura um novo tipo de comunicação liberando os homens da obrigatoriedade de memorização permanente, reorientando o poder que antes centrava-se na fala e agora em quem domina o conhecimento das “letras”, passando a dependência, a capacidade individual, cada um compreender o que esta escrito.

“Da esfera da crença no que o narrador diz se passa a esfera da verificação do saber documentado; o envolvimento emocional possibilitado pela voz dá lugar ao olhar crítico e distanciado, à avaliação fria e pretensamente imparcial, à uniformidade”.(Ramal,2002,pg.43)

Amplificando a capacidade de memória e transmissão possibilitando que a história, o conhecimento e as informações se tornassem atemporais, autônomas e acessíveis a qualquer sujeito imerso na cultura alfabética em qualquer lugar e momento. São conhecidos na história da escrita seis sistemas de representação da mesma, a pictográfica, ideográfica, logográfica , silábica e alfabética.

Com a escrita, liberta-se o aprendiz da presentificação do transmissor da informação ” Uma vez escrita, a ideia perpetua-se no tempo e pode passear pelo espaço, numa carta, caderno, livro ou num quadro, por exemplo. Uma informação não precisa mais ser memorizada” Killner (2000 apud kenski, 2003, p.61)

A igreja e a monarquia dominaram esta tecnologia e criaram sobre ela o argumento

de que esta era como um poder destinado a poucos, burocratizando assim o acesso a seu aprendizado, criando um abismo entre letrados e povo, até o século XIX era proibido publicar livros sem o aval e o carimbo da igreja e governo, pois havia a falsa crença de que ela fosse subverter a memória. Depois, de muito tempo, pessoas desvinculadas ao clero e monarquia, passaram a dominá-la, ministrando o ensino fora das correntes religiosas, mas com fins claros, que eram para que o trabalhador se encaixa-se nos requisitos impostos pelo capital em emergência. Deste modo, a escrita foi estabilizando-se em um tempo relativamente curto se pensarmos em outras invenções humanas. Passamos então a preservar e armazenar a linguagem, tornando a memória autônoma, sequenciada, contínua e “ linear” no meio físico, livro, eliminando de uma vez por todas a subjetividade inerente a figura do narrador e ao contexto em que se situa o acontecimento.

[...] A memória de uma cultura já não cabe apenas no conto: ela é constituída de documentos, vestígios, registros históricos, datas e arquivos. Tudo passa a estar inscrito no tempo. A lógica da justaposição, própria da oralidade contrapõe-se a lógica do encadeamento. À autoridade do autor sem obra material (narrador) contrapõe-se a autoridade da obra se, necessidade da presença do autor: o texto fala por si mesmo. (Ramal,2002,pg 42,43)

Firmada a escrita, a humanidade mergulha em transformações diversas, que perpassam do modo como o homem produzia seus bens que era um trabalho braçal centrado numa sociedade essencialmente artesanal e manual, a sociedade industrial, que forçando o uso cada vez maior de máquinas mergulhando-nos nos processos de produção em alta escala nos modelos econômicos já conhecidos como início do consumo em alta escala baseados na produção e consumo de produtos em quantidade, condicionando ao capitalismo e seu consumo em detrimento do humanismo.

A partir daí, outras tecnologias foram se desenvolvendo e, por meio da escrita, tecnologias como no primeiro momento cartazes, jornal, baseadas em recursos simples onde havia principalmente o acréscimo da fala, representaram uma possibilidade a mais para o processo comunicacional, mas que em sua gênese representaram ainda uma tecnologia burguesa já que as classes mais pauperizadas que sempre representaram grande parte da população mundial quase não tinham ou tinham pouco acesso a escolarização, essa é considerada a primeira geração tecnológica que, segundo Santaella, 2007, lançou sobre o mundo “as sementes da cultura de massa”, ela categoriza

a tecnologia em gerações, totalizando até o presente momento cinco, sobre as quais em alguns momentos usarei a categorização proposta por ela.

A fotografia tem seu surgimento a partir do século XIX, mais ou menos por volta de 1822, posteriormente o cinema tem seu início, com a primeira exibição em 1895 em Paris.

Deste modo homem é colocado frente ao progresso das mídias, que iniciou-se no fonógrafo, criado por Thomas Edison, aparato que possibilitou o surgimento da imprensa a posteriori por volta do século XV, fundamentalmente importante para a alfabetização, mudando significativamente a comunicação, desvinculando a presença física. (falar da imprensa). Ainda nesse período a invenção do rádio representa uma inovação jamais experimentada, possibilitando a transmissão da voz humana a longas distâncias pela primeira vez na história, a velocidade de sua expansão e permanência deu-se devido a seu grande poder de difusão na indústria cultural de massa, sua invenção só foi possível graças ao telegrafo??, que foi o primeiro grande potencializador desenvolvimento tecnológico e industrial e da comunicação.

O uso da impressão deu uma base ampla para a educação universal e para a difusão das concepções de homem, sociedade e natureza, possibilitou que a demonstração visual preponderasse sobre a discussão verbal, centrando a atividade científica no manuseio e análise de mapas, desenhos, gráficos, tabelas, dicionários, tidos como precisos e confiáveis, porque impressos uniformemente e não dependentes do talento do copista. Esses recursos, disponíveis a uma comunidade mais vasta, ofereceram a oportunidade para que informações e conceitos pudessem ser fragmentados, esquadrinhados, analisados (Bonilla, p.1).

Segundo Santaella, essa segunda geração é a da “tecnologia da difusão”, acrescentando também o telefone que faz parte dos avanços desse período que para ela são as responsáveis pela ascensão das culturas de massa. Silva (2003, p.55) descreve que, “A mídia de massa é inaugurada com a prensa de Gutemberg e teve seu apogeu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX com o jornal, a fotografia o cinema, o rádio e a televisão”.

As mídias massivas (cinema, rádio, imprensa, televisão) emergiram e alteram significativamente o modo como a informação, a linguagem, a comunicação e o conhecimento eram processados, elas transformaram a sociedade. A TV passou a ser mais que um aparelho tecnológico, passou a ser parte da vida, orientando e desorientando, construindo nos indivíduos seus “ valores “ de forma discreta. Essas

transformações podem ser analisadas e compreendidas de diferentes aspectos como alguns autores como Wolton (2003), e os estudiosos da Escola de Frankfurt nos trazem, que podem ser desde o da democratização do acesso a informação, alienação pelos poderes hegemônicos já que um não inviabiliza o outro sendo uma conjunção de fatores e possuem significados diversos que estão conexos e em convergência tecnologias que não se fecham em si mesmas e fazem ativamente parte do nosso mundo natural e social, Reeves e Nass (1996,p.251), "as mídias criaram suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades, perceptivas, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas". Kenski (2003,p.23), dessa forma, podemos perceber uma mudança clara entre a mídia de massa e a mídia digital, uma contenta-se em ter maior alcance e difusão sendo que sua mensagem esta fechada, pronta, indisponível para a manipulação do usuário, o que já difere na digital, onde o indivíduo pode elaborar, criar, reorganizar e re-criar a informação estando em interação direta com a mesma, aqui a sociedade conhece as tecnologias de pequeno porte.

"Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circularem neles têm como principal característica propiciar a escolha e o individualizado, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como construtivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção das mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar". (SANTAELLA, 2003)

Pretto, sobre as mídias afirma: "No entanto, essas transformações do uso das tecnologias digitais convivem com a chamada mídia tradicional, instituída ainda de maneira oligopolista." (Pretto,p.99).

A era digital ou era da informação, permeada por várias formas de tecnologias com finalidades, complexidades e especificidades ainda maiores e especializadas, nos imerge na contemporaneidade período marcado por sucessivos fatos que foram modificando a sociedade, dentre os quais merecem destaque os suportes multimeios, que eram em seu início novas ferramentas técnicas que possibilitaram a exploração de mídias e linguagens diferentes dos textos impressos convencionais, foi o início do que viria a ser a era multimídia, que acrescenta a esta era o computador conectado a internet, que representa neste início o rompimento com a continuidade sequenciada pela escrita assim como nos traz (SILVA, 2003), " o usuário transita da condição de espectador (TV) para a condição

de sujeito operativo, participativo diante do PC “on-line” mas partindo desta afirmação é necessário refletir sobre o surgimento do computador, que aparece apenas como um equipamento limitado e para fins determinados de uso militar, afim de explorar com maior potência a capacidade bélica dos exércitos estado-unidenses, era um equipamento extremamente caro que poucos podiam pagar, fins estes que não impossibilitaram que ele se tornasse, com os melhoramentos e aperfeiçoamentos um eficaz e poderoso meio de interação, comunicação e aprendizagem, assim, hoje “Um computador é uma montagem particular de unidades de processamento, transmissão, de memória e de interfaces para entrada e saída de informações”. (LÉVY, 1999: p. 44).

Mas tudo isso só pode ter sido proporcionado pela popularização da Internet no anos 90, onde, “[...] A internet é uma rede onde a inteligência está na periferia, e não no centro. A internet não tem um pólo central [...] ” (AMADEU, p.73), espaço onde nada é excluído, o local das infinitudes que altera significativamente a lógica capitalista até então impregnada de individualismo e valorização material, cerceamento de conhecimento em valorização a valores socialmente condicionados pelos detentores do mercado que se criou sobre a inteligência humana, tornando o conhecimento fonte de riqueza para determinada parcela e inviabilizando ou cobrando sobre o conhecimento, que por sua essência de parte do ser humano é livre , tornando a mesma mercadoria, sustentada por mecanismos de controle que criam valores para o conhecimento.

Chegamos por fim aos dias atuais chamada de quinta geração, nela são ampliados o espectro de utilização dos computadores, com o advento dos smartphones, tablets, TV digital que está nos entremeio entre a quarta e quinta geração, já que ela só será considerada efetivamente desta geração quando a mesma puder fazer coisas inerentes ao computador mas inegavelmente ela já atualiza a mídia atual, é aqui também que se amplia o conceito de rede que seria basicamente mais de um computador participando dos processos. Neste sentido de convergência

[...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para o outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz

(Santaella, 2007, p. 24).

É o período da conexão contínua como afirma Santaella, com as tecnologias móveis cada vez mais presentes na vida cotidiana, onde se está sempre conectado geralmente desempenhando funções múltiplas.

E é aqui que quero focar, na era pós-moderna e da cibercultura, segundo Lemos 2002, neste momento é que conceitos totalmente inversos aos da fase moderna se colocam.

A colaboração e o compartilhamento que anteriormente não eram vistos como uma possibilidade hoje são mas na perspectiva da sociedade que vivemos hoje cada vez mais individualista como pensar em processos de colaboração? Esse é um assunto que voltarei com mais profundidade em outro capítulo, agora me deterei a cibercultura e seus conceitos.

“ Do texto ao hipertexto- a evolução da inteligência humana acompanha a evolução não apenas da linguagem, mas também das tecnologias que a suportam e a processam”(Kenski, pg. 61)

Sobre as gerações tecnológicas que até aqui passamos pode-se afirmar: “Estamos perante processos de mudança altamente contraditórios e desiguais, variáveis na sua intensidade e até na sua direção” Santos (2001 apud Bonilla, ano, p??1) artigo quanto a página com fica).

Capítulo 2- AS DIMENSÕES DA REDE

2.1-Cibercultura

Começo afirmando segundo LEMOS 2002 “ *ela é a nova forma de cultura* ”.E nesse sentido retornaremos a linguagem.

“ *Se considerarmos a linguagem como uma forma de vida, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação e do tratamento da informação representa uma evolução de seu mecanismo reprodutor*”. (LEVY, 2004, pg.11). Para conseguir compreender e definir a cibercultura temos primeiramente que analisá-la como uma conjuntura social, técnica e cultural, mas apesar de existir uma definição que pareça lógica para ela, é importante pensar nesse conceito como uma definição indefinida devido a sua constante reorganização e remixagem, as quais valem a pena entendermos suas partes, o ciberespaço, o hipertexto, os hiper-links, dentre outros termos que usarei bastante no decorrer deste texto, conceitos que são palavras chave no universo da cibercultura e valem a pena serem revistas dadas a sua grandeza e constante redefinição, eles ja foram definidos diversas vezes em tantos escritos, mas valem a pena serem reescritos e refrescados na memória dada essa redefinição a todo tempo pertinente ao próprio ambiente digital que se reconfigura a todo tempo.

É de suma importância entender onde esta tão falada cibercultura ocorre, segundo LEVY,1999

“O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.(LEVY,1999, pg10)

É nele que tudo se passa é o ambiente onde as trocas ocorrem de forma acelerada em mão dupla, tripla e quadrupla, é o espaço das infinitudes, um sistema ecológico do mundo das ideias favorecido pela emergência de uma evolução geral da humanidade e a partir dela se significam e ressignificam os conhecimentos produzidos pelos homens potencializando-se a inteligencia coletiva que não determina o crescimento do

ciberespaço, mas encontra nele um ambiente propício para seu desenvolvimento, fazendo dela um dos motores principais da cibercultura, "o ciberespaço significa rompimento paradigmático com a mídia de massa" SILVA (2003,pg 55).

Neste espaço privilegiado em que a inteligência coletiva avança a cooperação funda-se com o princípio básico para seu desenvolvimento dada a necessidade de interação do indivíduo com o meio tecnológico dá-se de forma incessante. Caracterizando o ciberespaço Lemos traz que ele é "o novo espaço sagrado do contemporâneo" (2002, p.42)

A cibercultura dessa forma cria um espaço veloz de re-significação em que os indivíduos tem que participar de forma cada vez mais ativa, colaborativa e remixada, exercitando assim a inteligência coletiva que através dos processos de colaboração, cooperação e competição possibilitando cada vez mais a apropriação dos indivíduos e isso só pode ser proporcionado graças ao ciberespaço que une as pessoas independente de espaço geográfico e de tempo, o que é uma novidade pela forma como ocorre tecnicamente , todos os indivíduos podem consultar uma memória em comum, além de interagir alimentando, coordenando, cooperando e ampliando as competências individuais e coletivas.

É neste espaço que surgem as tecnologias digitais ou TIC, que no tocante a diferenciação de outros período e marcos na humanidade marcam a contemporaneidade. Tecnologias que em um pequeno espaço de tempo atingiram variados espaços da sociedade tornando-se cada vez mais presente na vida cotidiana suprimindo de forma mais crescente o espaço presencial pelo virtual e modificando as formas como o indivíduo constrói o conhecimento, rompendo com as formas lineares e contínuas de construção dos saberes, alterando a forma como as pessoas se relacionam com as outras, com o conhecimento e com o mundo, criando novas perspectivas de organização, produção e relação social. Essa tecnologia digital esta democratizando e descentralizando a cultura .

Por sua característica única a cibercultura cria uma lógica diferenciada no que tange as configurações dos processos comunicacionais que eram do tipo Um-Todos, subvertendo a ordem até então vigente passando a ser Todos-Todos, dando a cada indivíduo o poder de ser autor e co-autor dessa rede, saindo da passividade estabelecida pelo *mass media*, possibilitando aos sujeitos serem um nó ativo nesse ambiente cibercultural expansivo, exigindo dos indivíduos princípios que se baseiam na colaboração e na troca permanente.

Essas "novidades" nos processos educativos ou não, criam uma relação com o

saber diversa, difusa, que só pode ser propiciada graças ao espaço virtual que com seus textos eletrônicos apresentaram uma nova forma de linguagem, o hipertexto que refere-se a nova escritura eletrônica sem sequências pré estabelecidas que permite ao leitor uma multilinearidade em que ele cria seu caminho de interesse. Por meio de uma serie de associações que propõe um revolução na escrita associando escrita, som, desenho misturando as funções de ler e escrever onde o leitor cria de uma forma original seus caminhos estruturando seus interesses de acordo com suas inquietações, criando seus próprios elos onde cada um pode criar um texto único, seguindo trajetórias diferentes com uma rapidez necessária a curiosidade de quem lê.

O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, paginas, imagens, sequências musicais, etc.), e por links entre esses nós, referencias, notas, ponteiros, "botões" indicando a passagem de um nó a outro. (LEVY, 1999, pg.56).

E essa hipertextualidade possibilita infinitas possibilidades de criação e complementação através dos links (elos), ampliando o conhecimento e a disposição do mesmo que com o crescimento das tecnologias digitais, do ciberespaço e conseqüentemente a digitalização e a virtualização só foram possíveis graças as transformações da comunicação na modernidade. Os meios de comunicação de massa passam a transformar e interagir a sociedade. Assim a comunicação de massa que dava-se de um pólo único para grande numero de receptores, eram dispersos e passivos, o que para alguns representa uma democratização no acesso as informações, para outros, uma feliz associação dos meios massivos de comunicação com o capital contribuindo para a alienação dos receptores e o avanços do consumo, aliado as estratégias mercadológicas. Em dado momento a popularização e o desenvolvimento do ciberespaço mudam a polarização e o desenvolvimento de um para todos, para todos – todos, criando um movimento universalizante sem totalidade, onde a produção e disseminação de conteúdo diversificam-se, alterando também a relação entre emissor e receptor, bem como a alternância na relação do receptor com o emissor na estrutura da informação criando um fluxo contínuo nas informações e no espaço onde ela ocorre sendo este fluxo parte dos princípios originários da cibercultura, a intercomunicação, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

A interconexão que cria na rede um espaço envolvente e atrativo, onde todos na comunicação universal devem ter seu endereço, entrando assim na noção de rede

migrando da concepção individual para o coletivo.

[...] Porque quando a rede liberta o texto do suporte papel, liberta a música do suporte vinil, liberta a imagem do suporte ali da película, o que você tem? Você tem aquilo o que sempre foi: criações. Quando aquilo vai para a rede, você tem não só uma capacidade de convergência desses símbolos, desses ícones, de toda essa produção, mas tem a possibilidade de fazer com que aquilo retorne ao ambiente comum da cultura. Você recombina tudo. Então, a rede, a metalinguagem digital é recombicante, ela é tendencialmente recombicante... (Amadeu, p.69, cultura digital.br)

As comunidades virtuais nesse sentido são o prolongamento dessa interconexão da rede um prolongamento da vida com o diferencial que pode-se reunir um grupo geograficamente disperso, mas intimamente conectado e ligado devido aos seus interesses comuns, bem como aos seus objetivos de aprendizado, ensino ou apenas compartilhamento de saberes, elas tornam o indivíduo parte de um grupo onde os interesses estão acessíveis e acessíveis, sendo a coletividade a legisladora do espaço, criando suas regras, seus julgamentos, seus poderes e sua forma de articulação explorando possibilidades novas e inovadoras de opinião, acompanhando as mudanças mínimas construindo e reconstruindo as relações bem como o conhecimento e a atualização do mesmo, a partir da liberdade de crescimento individual de cada um, a comunidade virtual explora o contexto particular de cada indivíduo, onde cada um pode estabelecer seus elos e relações sem necessariamente se conhecerem fisicamente.

“ A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre processos abertos de colaboração” (LÉVY, pg 130).

Na rede exercita-se a inteligência coletiva a todo tempo, ela difere-se de qualquer outra inteligência já estudada ou descrita pela sua lógica que contraria todos os processos e as noções anteriores de aprendizagem em que o isolamento era a chave para o aprendizado desenvolvendo o monopólio da informação, ela é o impacto aspirado por tantos, o modelo de construção coletiva compartilhado pela humanidade e fomentado por

todos, onde sua única regra é a de compartilhar onde a sabedoria das multidões é valorizada, ela está distribuída por toda parte e acessível a qualquer um sem necessidade de mediação, é valorizada dada a sua capacidade de diversificação onde seu centro é distribuído, irrestrito, coordenado pelo todo, autônomo e está sobre as responsabilidades e liberdade de cada um como nos traz Levy, esse é um dos grandes méritos da cibercultura tornar cada um responsável pela construção da sua aprendizagem.

Desta forma estes três princípios unidos no universo da cibercultura modificam as concepções postuladas nas ecologias das mídias anteriores a emergência do ciberespaço, em que o receptor encontrava-se desconectado do emissor, agora o ciberespaço configura-se como conexão necessária para a manutenção da inteligência coletiva e a diversidade do ambiente cibercultural alimentado por vários atores que bebem em inúmeras fontes e constroem múltiplas formas essa cultura informacional, a cibercultura.

“ A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas, multimodais e planetárias de recombinações. Quanto mais podemos livremente produzir, distribuir e compartilhar informação mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar. As ações de produzir, distribuir e compartilhar são os princípios fundamentais do ciberespaço (LEMOS e LÉVY, 2010, p.27).

2.2- Software livre e colaboração

Nesta sociedade contemporânea, profundamente marcada pelas tecnologias em rede, alguns abismos ainda se apresentam, estes ligados principalmente as camadas sociais menos abastadas que compõe o grupamento social da contemporaneidade, determinando muitas vezes as formas de acesso dos indivíduos a estas tecnologias. Criando e fortalecendo de forma cada vez mais pujante mecanismos diferenciados de exclusão das mesmas. Nesse sentido, a pertinência de se contornar a construção e reconstrução das perspectivas sobre a inclusão, software livre, exclusão são elo de ligação para uma perspectiva real do panorama brasileiro partindo do pressuposto do fenômeno Software Livre como um novo modo de contemplar essa sociedade, que cria a todo instante novos contornos e se exercita de forma cada vez maior na ampliação dessa inédita forma de difundir e construir o conhecimento, não fazendo apenas o uso mecanicista destes softwares e das suas potencialidades mas também da sua dinâmica de valorização cultural e princípios filosóficos.

[...] O movimento de software livre é a maior expressão da imaginação dissidente de uma sociedade que busca mais do que sua mercantilização. Trata-se de um movimento baseado no princípio de compartilhamento do conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada na rede mundial de computadores. (SILVEIRA, 2005, pg.437)

Diante deste breve apanhado necessário para olhar sobre um carácter diferenciado e coerente as TR, pensar, construir e ressignificar algumas compreensões acerca deste eixo do qual falamos são essenciais para essas reflexões. Mas diante dessas ideias iniciais o que seria pensar na lógica do SL? Quando a humanidade caminha para modelos cada vez mais economicamente rentáveis e egocentristas, o que representa o SL? Tirar da exclusão necessariamente seria apenas incluir, diante da realidade brasileira de exclusão? Possibilitar o acesso apenas?

Mais do que uma alternativa técnica e economicamente viável, o Software Livre representa uma opção pela criação, pela colaboração e pela independência tecnológica e cultural, uma vez que é "baseado no princípio do compartilhamento do conhecimento e na solidadriedade praticada pela inteligencia coletiva conectada na rede mundial de computadores"(SILVEIRA,2003,p.36 apud Campos e Teixeira 2005,p.3)

Para a educação, libertar-se dos softwares proprietários foi e é um grande desafio uma vez que a possibilidade de independência no acesso aos códigos- fontes está intimamente associada às inúmeras possibilidades de independência dos fornecedores centralizados que dominam o mercado, possibilitando a ampliação de uma rede de produção colaborativa, dimensão fundamental para a educação por meio do SL imersos na cultura digital, na cibercultura o pensamento freiriano afirma que ensinar é criar possibilidades para a produção e a construção do conhecimento, havendo assim possibilidades para a emergência de novas modalidades criativas

O desenvolvimento do SL traz possibilidades antes consideradas irreais, alterando significativamente os caminhos até então percorridos pelas tecnologias disponíveis, abrindo caminhos, possibilitados pela internet para o trabalho colaborativo para a construção de uma ampla gama de softwares de qualidade, em constante atualização e evolução, trazendo a ideia do uso comum e quebrando com a lógica da informação como mercadoria.

O movimento de software livre é um componente nuclear dessa cultura digital. Ele está na formação da internet, essa ideia de espírito de compartilhamento. Ele está na formação do próprio software de código aberto, ele está na formação de um dos principais movimentos de cultura hoje, do licenciamento aberto, que é o Creative Commons. E ele está na cultura hacker. Isso tudo é uma reconfiguração muito interessante do espaço público. (Amadeu,p.77,cultura digital.br)

No Brasil com a grande popularização das TR houve um boom no que tange as discussões sobre acesso, inclusão e exclusão.

A realidade brasileira no que tange ao acesso as TR ainda são muito preocupantes os dados dispostos a sociedade, mostram que fato a uma exclusão, nesse sentido a filosofia do SL representa uma alternativa significativa compondo uma rede

importante para o estabelecimento eficaz de políticas de inserção digital dos atualmente info-excluídos, representando uma alternativa viável na vertente econômica e inovadora.

Capítulo 3- Rede e possibilidades de colaboração

Mais proteção, menos acesso? Menos acesso, mais proteção?

“A tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”(Castells, 1999).

A tecnologia digital tornou as coisas mais fáceis, ou deveria ter tornado em certos aspectos, já que essa tecnologia nos proporcionou um mundo de possibilidades, uma gama de infinitudes impensáveis sem ela. Quando coloco de forma dúbia a questão que deveria ter deixado mais fácil, refiro-me aos mecanismos de controle e privatização que tem crescido junto com a infinidade que esta tecnologia nos imerge e os benefícios que algumas corporações tem recebido em detrimento do livre acesso a bens que por natureza são livres o conhecimento, o saber.

A contemporaneidade traz o o crescimento e o florescimento das discussões sobre a legislação de direitos autorais a LDA, mas o que vem a ser essa legislação? A quem ela serve? A quem protege? A quem beneficia ? E a questão que considero mais importantes. Ela significa mais proteção, menos acesso? Mais proteção para quem para a indústria ou para o autor?

Para nos imbricarmos nessa reflexão a respeito da LDA, a importância e pertinência de um breve apanhado histórico para referenciar e clarear a discussão é essencial.

Na antiguidade essa noção de que caminhamos hoje de direito autoral não existia e sim a concepção de que o criador intelectual não devia “descer a condição de comerciante dos produtos de sua inteligência”, até aqui o autor tinha controle sobre sua obra cabendo apenas a ele o poder de negociar sobre a mesma.

Com o avanço das tecnologias nesse momento da imprensa e da tipografia por Gutemberg algumas coisas substancialmente mudam na relação autor e obra, a comercialização de suas obras torna-se um perigo para as classes dominantes em principal para o clero e a monarquia, que temiam perder o controle devido a emergência das verdades que a igreja e a monarquia detinham e postulavam como pecado ou

danosas a humanidade, libertação política. Nesse período que surgem os primeiros relatos sobre o que hoje popularmente chamamos de pirataria, que era a reprodução das obras que os livreiros editavam, mas com um custo extremamente alto e que quem reimprimia não tinha, e foi a partir da luta deste livreiros que surgiram as primeiras contestações pelos direitos autorais e os autores passaram a entender que tinham direitos que ainda não estavam garantidos, foi assim essa primeira movimentação uma reunião de interesses que favoreceu economicamente os livreiros e socialmente os autores que se beneficiavam da fama das obras entre outros.

Posteriormente surgem as licenças para publicação para os livreiros de certos livros, com a autorização previa do autor, mas insatisfeitos os autores e o próprio crescimento da industria terminaram por acabar com essa censura legal, e assim os livreiros buscaram outra forma de se garantir e buscaram assim direitos para os autores e assim houve um claro avanço, no sentido da regulamentação dos direitos de edição, isso ocorreu por volta de 1700, depois ainda houve um decreto de lei que garantia direitos relativos a propriedade de autores em diversas vertentes.

As noções de autor e de propriedade intelectual surgem com o capitalismo e a imprensa a partir do século XVIII. Até então, culturas primitivas e orais, assim como a sociedade medieval, não possuíam uma ideia de autor nem de propriedade de bens simbólicos. A modernidade industrial vai trazer essa ideia romântica de um autor iluminado e dono de sua criação. Ela será usada para controlar a circulação de bem tangíveis e intangíveis, onde o autor cede o seu direito aos editores em troca de pagamento de royalties. Esse sistema esteve mais ou menos estável até o surgimento do pós-modernismo (meados do século XX) onde o artista passa a buscar a quebra de fronteiras e usar trabalhos de outros artistas em processos de recombinação. A arte entra em crise e junto com ela a noção de obra, autor, autoria, propriedade. (LEMOS, 2006, pg.2)

No Brasil a Constituição de 1830, trata pela primeira vez sobre a “proteção autoral foi a Lei nº 496/1898 também chamada de Lei Medeiros e Albuquerque em homenagem a seu autor”(BRANCO e PARANAGUÁ, p.18). Em 1886, a Convenção de Berna regulamenta amplamente os direitos autorais, criando normas tornando esta a matriz inicial dos direitos autorais no mundo, no Brasil a Lei Medeiros e Albuquerque é então revogada, só havendo em 1973 um regime estatutário regulando o direito do autor essa foi a Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973, que vigorou até a aprovação da Lei nº

9.610, de 19 de fevereiro de 1998, nossa atual lei de direitos autorais.

Diante desse breve apanhado é cabível pontuar que a Lei de Direitos Autorais deve ser analisada dos aspectos de legislação que é mais sozinha não resolverá todos os enfrentamentos que o Direito Autoral tem no Brasil e no mundo, por isso deve ser interpretada a luz da Constituição nacional.

Com os avanços econômicos, políticos e sociais da população mundial, os modos de produção valorização e popularização dos bens materiais da sociedade tornaram difíceis, qualquer tipo de análise sobre os modos de produção, disseminação e acesso aos saberes produzidos tornaram-se complexos e amplos, valorizados de acordo com o contexto em que esses bens são descobertos e valorizados. Dentre esses avanços o surgimento da cultura digital, tornou possível modificar copiar e remixar as obras existentes e esse é um desafio na estrutura dada de direitos autorais, o que vai contrariamente a lei, pois a grandeza e a velocidade com que as trocas e as cópias se disseminam na rede criam abalos nas estruturas atuais pois a própria arquitetura de rede neutraliza o poder do capital, e neste sentido cada vez mais os mecanismos de controle e limitação de acesso as obras intelectuais vão se refinando, resultando em contestações judiciais diversas que não são poucas.

Nessa perspectiva por vezes até as ideias que pelo seu princípio natural são livres como afirma Lessing, terminam sendo alvo dos tribunais, casos que exemplificam esta conduta nociva a sociedade não faltam aconteceu assim na disputa entre Régine Déforques que publicou a trilogia A bicicleta azul e os detentores do direito autoral de E o vento levou que afirmavam que o trabalho de Déforques copiava a obra de Margareth Mitchell, e assim foi condenado esta é apenas uma das tantas disputas na LDA, outro é que muitas vezes quem reclama o direito não é o autor e sim um terceiro que se apropria legalmente ou não da obra intelectual, como ocorreu no caso explicitado acima.

3.1- Os sistemas

Mundialmente existem dois tipos de estrutura que sustentam os direitos autorais, o d´auteur e *copyright*, que é o sistema adotado no Brasil.

A diferença entre eles estão nas características da sua construção o *copyright*, nele o principal direito a ser protegido é a possibilidade de reprodução de cópias e no d´auteur o que se protege é a capacidade criativa da obra, serem copiadas e os direitos morais que denotam a relação do autor com sua obras.

3.2- Os tipos

O autor quando produz sua obra seja ela de qualquer natureza ele dispõe sobre ela de dois tipos de direitos autorais de acordo com o ramo do direito definido como propriedade intelectual, esses direitos são separados em direitos morais e direito patrimoniais.

O direito moral, objetiva defender a relação do autor com a própria obra, estabelecendo dentre os quais que deve sempre esta vinculado a obra o nome de seu criador quando a mesma for reutilizada para qualquer que seja o fim, a circulação da obra, a perpetuidade e a alteração da mesma só estão legalmente aceitas quando feitas por seu genitor artístico, científico ou literário esse é um direito de natureza pessoal.

A utilização econômica da obra de um autor por terceiros ou seja a exploração e capital das obras protegidas são regulamentadas pelos direitos patrimoniais.

O crescimento das redes digitais e do ambiente informacional, direcionaram a sociedade para comutas que decorrem dos custos ao acesso aos bens culturais dispostos em esfera global, impossibilitando de forma cada vez maior o controle sobre os bens intelectuais produzidos por cada indivíduo dessa forma mostrando como muitas vezes esse bens são recriados a partir de princípios como a "re-mixagem" que é o,

[...] conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, cut-up de informação a partir das tecnologias digitais. Esse processo de "re-mixagem" começa com o pós-modernismo, ganha contorno planetários com a globalização e atinge seu apogeu com as novas mídias(Lemos, 2006, pg.1)...

e a criação de novas obras a partir da adaptação de obras alheias como bem exemplifica "Branca de Neve e os sete anões" que baseia-se em uma história criada pelos irmãos Grimm"(BRANCO ; PARANAGUÁ, 2003)

Assim criou-se um mecanismo para que essas obras pudessem em dado momento estarem acessáveis e acessíveis a humanidade, "Na busca para se atingir o equilíbrio entre o direito devido pelo autor e o direito de acesso ao conhecimento de que goza a sociedade"...(BRANCO ; PARANAGUÁ, 2003) chamada de de domínio público uma lei

que protege a obra durante o tempo de vida do autor e mais 70 anos passados de sua morte, sendo que esse tempo pode ser estendido já que muitas vezes quem detêm os direitos patrimoniais sobre a obra são terceiros economicamente favorecidos na sociedade do capital.

Dessa forma criaram-se dois tipos de domínio público, o (legal commons) criado por lei e o (social commons) criado demandado pela sociedade a partir do surgimento da internet e principalmente dos softwares livres.

Capítulo 4- EAD

Na atualidade, o surgimento de mais uma forma de educação da sinais de mudanças na forma de ensinar, de aprender e de fazer, desse modo não podemos deixar de nos reportar a educação a distância ou seja as EADs virtuais, que desde a década de 1990 e no corrente século, vem se configurando como “salvadoras” da educação, principalmente nos países em desenvolvimento, fortalecendo-se sobre o discurso de possibilitar a todos acesso a educação para formação inicial ou continuada em modalidades diversas, afim de tornar a maior quantidade possível de aprendentes qualificados e aptos para o mercado de trabalho, configura-se esta como mais uma discreta reforma na educação, que em si não é nova pois se considerarmos que os veículos de comunicação, como o rádio já desenvolviam sistema semelhante em sua gênese, observaremos que as diferenciações são grandes, a EAD pelo rádio tinha o diferencial de ser centrada basicamente no autodidatismo um de seus maiores problemas, havia ainda falta de relação do aprendente- aprendente ou aprendente-docente, o que já se difere na EAD virtual.

Sobre este sistema de ensino em franco crescimento no território brasileiro e mundial ainda fazem-se necessárias cada vez mais reflexões, estudos, análises, validações, críticas e readequações procurando ao máximo nos desvincular dos pressupostos tradicionais ou moralista a respeito desse sistema, que já não cabem mais, pois hoje não tratamos mais na perspectiva de desejá-la ou não, ela é uma realidade independente da vontade ou não de certos grupos e aqui não trataremos de nos colocar do lado da EAD ou da educação presencial, mas da necessidade de se analisar o uso desta tecnologia sobre o prisma crítico, analisando e refletindo sobre suas contradições e desafios na busca de crescimento sobre as discussões a respeito da mesma.

Historicamente, os países que foram colônias ficaram atrás no que tange aos incentivos em educação, não por um mero esquecimento mas, com fins claros e objetivos, o desejo do colonizador de que não crescêssemos intelectualmente poderíamos dar problemas futuros, assim a passos lentos e pesado as antigas colonias desenvolveram seus processos e modelos educacionais. Quando, finalmente o processo educacional estabeleceu-se foram incentivadas apenas as artes, as literaturas, as carreiras nas áreas das exatas e científicas essenciais também ao desenvolvimento não foram incentivadas na mesma proporção pois elas em conjunto com as literaturas fomentam o crescimento

econômico e científico do país, desenvolvendo a nação em todos os aspectos. O panorama histórico só atesta o que foi feito desde o período regencial com a nossa educação quando facilmente se constata, que a formação de nossa primeira universidade só houve em 1920, para exibi-la a um monarca, o rei da Bélgica, que nosso país possuía Universidade, quando nossos colonizadores anos a frente já possuíam universidades, nas mais diversificadas áreas e nossos hermanos argentinos também já tinham desde o ano de 1613. Anos depois novamente vemos o levante mercadológico afim de desacelerar ao máximo nosso crescimento e continuar acidentando a nossa já acidentada educação com o estímulo desenfreado as EADs apenas com carácter político resultando em sucessivas rupturas e descontinuidades dos projetos a cada troca de governança fragmentando assim a própria viabilidade deste modelo educacional, feito sempre emergencialmente buscando qualificar, inserir os humanoides na corrida capitalista, provocando um crescimento nesse tipo de formação, sem condições efetivas para o crescimento crítico emancipatório do indivíduo apenas reprodutivo.

Mas efetivamente o que entende-se por EAD, é importante temos um conceito mas não estarmos arraigados a eles, para uma discussão mas dinâmica?

“Literalmente, o conceito de EAD remeteria a qualquer modalidade de transmissão e/ou construção do conhecimento sem a presença simultânea dos agentes envolvidos” (Nova e Alves, 2003, pg.2).

Considerando uma abordagem inicial este conceito bastaria, mas a pertinência do tema nos encaminha para uma compreensão menos reducionista e assim acrescento:

Nesse sentido, compreendemos a educação a distância como uma das modalidades de ensino- aprendizagem, possibilitada pela mediação dos suportes tecnológicos digitais e de rede, seja esta inserida em sistemas de ensino presenciais, mistos ou completamente realizada por meio da distância física.
(Nova e Alves, 2003, pg.3)

Reiteradamente a EAD tem sido muitas vezes um modelo reducionista do potencial que os aparatos tecnológicos nos possibilitam e dessa forma podemos compreender que a chave para uma educação não reducionista como esta tem sido, é o investimento em aperfeiçoamento não só para os técnicos e programadores mas para os educadores que tem estado a margem do processo fazendo em grande parte o uso mecanicista dos espaços da EAD, sem a compreensão do potencializador da inteligência coletiva termo

utilizado por Levy, para a compreensão da grandiosidade que esse sistema possibilita que ela pode ser, pois se não a ressignificarmos esta pode se tornar apenas mais uma extensão do quadro e do piloto, reproduzindo e atestando velhas práticas docentes. Mas dentro dela também são inegáveis as possibilidades, pois ela pode potencializar um currículo sem limites, respeitando o ritmo de cada um, assim se sentirmos medo do novo, da mudança podemos temer a EAD, acreditando que a seriedade será perdida pelo fato desse respeito ao ritmo de cada um que ela traz, criando novos sentimentos de pertença a partir dos grupos virtuais.

"Educação a distância é uma forma de ensinar envolvendo tecnologias aplicadas a educação (inicialmente por correio, televisão e rádio; hoje em dia utilizando a internet)". Santos, A., 2012)

4.1- A necessidade de reorientação do papel do professor – o remelexo é bom

A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B
Freire(1982, p.30 apud SILVA, 2003, p.52)

Década após década os professores tem sido desafiados principalmente como o surgimento da EAD a repensar, reconstruir e reordenar seu papel diante da sociedade e principalmente diante dos educandos que de uma forma cada vez mais profícua interrogam qual é verdadeiramente o papel do professor diante de uma conjuntura emergente que constrói novos links, reordena conceitos, criando possibilidades diferenciadas onde a informação e o conhecimento, estão ao alcance de todos e a figura docente apresenta-se como a ultima alternativa para estes sujeitos imersos no mundo digital que criam, constroem e alimentam uma gama de informações independente de mediadores. Nesse espectro encontra-se a sala de aula e professor ambos figura e espaço que tem sido cada vez mais bombardeado pela mídias e questionados quanto a sua função e seu papel.

Dessa forma a necessidade de readequação e rearticulação do papel do docente frente as necessidades dos educandos e da própria reconfiguração das salas de aula e ao modelo clássico de educação tem levado a emergencial necessidade dos professores reconfigurarem-se e remixarem-se dentro de seus ambientes de trabalho buscando praticas diferenciadas que propiciem a exploração de todos os ambientes educativos

principalmente os virtuais que tem se apresentado como um grande desafio a ser consolidado e explorado pela classe de educadores que tem se colocado muitas vezes à margem desses processos emergentes de reorientação que a geração digital nos insere.

Assim, existem dois universos diferenciados que precisam ser assimilados e fazer parte da perspectiva formativa de todos os docentes:

Enquanto a sala de aula tradicional está vinculada ao modelo unidirecional “um-todos” que separa a emissão ativa e recepção passiva, a sala de aula on-line está inserida na perspectiva da interatividade entendida aqui como colaboração “todos-todos” e como “faça você mesmo” operativo. (Silva, 2003, p 52)

Assim, partindo desses dois modelos é que analiso os professores os que intitulo de fora do eixo que se baseiam apenas nesse carácter transmissor da educação e os da modernidade que são os aprendizes abertos e dispostos a integrar-se a essa nova demanda profissional, cultural e social que passa a exigir de todos novas habilidades. É necessário esse profissional se colar a par da cibercultura e das suas possibilidades para contemplar com um novo olhar o novo educando que se apresenta.

Sair do modelo costumeiro de transmissor e emissor de conteúdos que o docente se acomodou, de detentor do saber, de mestre é necessário para a reordenação do seu papel frente a essa nova sociedade que se apresenta, adotar uma postura menos passiva e mais ativa diante dos acontecimentos no sentido de ser dentro de seu espaço de trabalho aquele que propõe que instiga a colaboração, e a participação ativa através de mecanismos diversificados reinventando sua autoria na sala presencial ou *on-line*, porque esse novo aluno habitante da sala de aula e de tantos outros espaços é convidado todo o tempo a criar, formular, recriar e intervir e se o professor ao invés de apenas ser um reproduzidor se utilizar dessa possibilidades ele poderá ser nesse espaço formativo o “animador da inteligência coletiva” e esse novo profissional acabara de uma vez por todas com os mitos consolidados a respeito das tecnologias deixando para traz a figura de professor- transmissor, substituindo pelo mediador, tutor iniciando uma nova perspectiva para esse profissional propositos do conhecimento, substituindo o espaço do falar pelo da participação.

4.2- EAD e criatividade

As EADs, só serão efetivamente boas quando forem pensadas e construídas por todas as vertentes que a compõem havendo sobre ela um projeto de ensino verdadeiramente articulado por todas as partes como descreve Silva (2003,p.53), "é preciso investir na construção de arejados ambientes virtuais de aprendizagem", assim vejo a importância de um espaço formativo de aprendizagem múltiplo permanente permeado pela educação virtual e presencial onde um espaço não nega o outro mas em consonância caminham. Pois se continuarmos a caminhar da forma que temos caminhado corremos o risco de cair no mesmo abismo que a forma tradicional já caiu e não consegue sair o modelo pedagógico obsoleto, deficitário, desinteressante e acrítico, sustentado apenas pela obrigatoriedade mas com índices de reprovação, evasão entres outros alarmantes que demonstram de forma cada vez maior a sua necessidade de readequação e de ser pensado de um forma diferente e sua rejeição pela sociedade civil.

Diferindo-se completamente em sua organização modo de fazer e acontecer a EAD sempre teve suas especificidades, representando uma nova dinâmica no espaço educativo tanto para professores como para alunos por isso a necessidade de saber lidar com as novas tecnologias "... recobrem na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um dever coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação." (LÉVY,1999: p. 28) da informação e comunicação colocam em proximidade duas classe antes totalmente antagônicas professores e alunos, refletindo novas posições e papéis para os sujeitos envolvidos e imersos nesse ambiente, a era mediada pela tecnologias digitais exige um tomada de posição dos educadores sobre esse novo contexto político, social e economicamente ativo em que estamos inseridos, novas ações e aprendizados e a constante renovação.

Se com a educação a distancia supostamente vencemos as distancias que nos afastaram do conhecimento na mesma medida os enfrentamentos e desafios relativos a esta modalidade educativa ainda são muitos, enquanto não houver em território nacional uma política eficaz de acesso as tecnologias da comunicação e informação os abismos continuaram a crescer e algumas posturas capitalistas continuaram a serem validadas,

O acesso às novas informações tornou-se epidemia social. a preocupação do consumidor tecnológico é a de ampliar permanentemente sua “base de dados” e sua “velocidade” de “acesso as informações”.(Kenski,2003. p.27)

Hoje os enfrentamentos da educação são os mais diversos possíveis o governo brasileiro ao invés de estimular o desenvolvimento do país dentro do próprio país, gasta dinheiro que deveria ser aplicado na construção de mais universidades para enviar ao exterior nossos acadêmicos para serem ensinados, treinados e direcionados a serem mão de obra “barata” quando retornarem a seu país, explorados por multinacionais que sem justa medida pagam salários abaixo dos costumeiros de seus países de origem, trazendo verdadeiramente pouco desenvolvimento tecnológico, científico e humano já que investimento em pesquisa nacional pouco se fará provavelmente já que esses formados serviram a esses fins antes relatados, com esses acontecimentos o estado também se coloca no papel de desresponsabilizado pela educação superior pública não estou aqui criticando ou fazendo previsões catastróficas sobre nossa educação, mas enquanto pedagoga minha formação critica- emancipatória como já nos trouxe Paulo Freire anos atrás me exigem esses questionamentos sobre que educação queremos, qual temos e qual almejamos se estamos no caminho da educação a distância ou da distancia da educação, apenas concluindo de forma direta que o problema da educacional de nosso país só sera resolvido quando tomarmos as rédias de nosso desenvolvimento e decidirmos enquanto nação soberana que deveríamos ser verdadeiramente, que tipo de desenvolvimento estamos buscando e de que forma ele se faz.

Com relação a EAD uma outra perspectiva a ser analisada é quanto ao acesso, o fortalecimento da EAD sem finalidades especializadas, refiro-me nesse aspecto essencialmente ao projeto pedagógico aos saberes dos educadores e previamente pensadas pode dar margem a um problema que diante de todas as compreensões colocadas sobre a cibercultura seria um retrocesso a tudo o que se pensa e constata em relação as TICs o uso apenas funcional desses aparatos tecnológicos, apenas para fins de utilização como recurso das aulas, sua utilização apenas nas EADs, como muleta pedagógica substituindo o quadro pela tela do computador, por essas e tantas outras questões que perpassam do financiamento nacional das empresas educacionais a institucionalização e alocação de verbas publicas para essas empresas que invertem uma

lógica que vem se fortalecendo e em contraposição as das tecnologias digitais com códigos abertos já que as mesmas em geral tem seus modelos baseados em softwares proprietários, por isso que defendemos o uso do recurso da EAD, associada a outros tipos de formação que não apenas a distância.

Como para que modo esse que em grande parte para os usuários deste sistema de ensino esta oculto, disfarçado sobre a couraça da educação para todos, até mesmo notados intelectuais tem se omitido e deixado de analisar mais profundamente os pilares que aparentemente sustentam essa modalidade educativa permitindo o engano e a frágil concepção de que esta é uma ampliação do acesso a educação, sufocando por vezes o uso crítico dessas tecnologias.

Capítulo 5- REA

Existe hoje no mundo e em especial no Brasil discussões sobre os recursos educacionais aberto ou simplesmente REA, essas discussões giram em torno desse momento de convergência cultural, social, econômica que vivemos, desses processos inovadores ou não de desintermediação em todas as estruturas antes regimentadas na sociedade.

O acesso a escola esta crescendo, mas podemos dizer o mesmo do acesso a educação? (Amiel,T.2012 pg17) nos traz esta pergunta que tem valor real para pensar de qual tipo de acesso ou de melhorias apontamos quando nos referimos a educação, pois a pertinência desse questionamento é que nos possibilitara ou não valorar a amplitude dos REA (recursos educacionais abertos) se os virmos como possibilidade de agregação para uns e como meio de acesso as possibilidades para outros. Mas o que seria possibilidade de agregar e meio de acesso para outros?

Os REA possibilitam a determinados indivíduos agregarem aprendizagens e conhecimentos, a partir dos já existentes e agregarem neste sentido maximizando a amplitude do ensino e da aprendizagem, de acordo com a necessidade e busca inerente a cada por meio destes recursos. Em outra perspectiva podem possibilitar a indivíduos isolados por diversos fatores ou não, o acesso, seja a continuidade de sua escolarização ou a bens culturais dispostos no globo.

É importante pontuar que estes tipos de recursos não são uma novidade surgida em meio a contemporaneidade, as discussões e tentativas à cerca desta forma datam da década de 1970, quando ouve uma disseminação muito forte sobre a ideologia da escola aberta que é sobre a qual atualmente tem se utilizado o contexto de REA, de acordo com o período em que se desenvolve a educação aberta adquire características próprias se utilizando dos meios em contextos variados, inicialmente seu uso foi amplamente disseminado para uso em práticas de educação infantil, com práticas centradas nos educandos bem como a utilização de materiais produzidos pelos mesmos.

*"A terminologia em educação aberta é bastante abrangente. Justamente por ser um conjunto de práticas, a educação aberta pode apresentar componentes de varias vertentes educacionais, interligadas pelo seu arcabouço teórico".
(Santos, A.,2012,p.79)*

De acordo com a definição trazida por Amiel, “ A educação Aberta é uma tentativa dialógica em que as configurações de ensino e aprendizagem emergentes coexistem e ao mesmo tempo desafiam a lógica e a estrutura da escola” Amiel, 2012, pg 24. Nesse sentido o modelo educativo aberto configura-se como um início e meio para o desenvolvimento de tão desejada educação diferenciada que ocorre em sentidos diversos e não apenas unilateral centrada em uma figura centralizadora, sendo assim :

Práticas abertas ajudam a abrir a “ caixa preta” da educação para que todos os atores envolvidos (pais/responsáveis, gestores, alunos, etc) possam compreender e adotar uma postura crítica diante dos processos de ensino e aprendizagem. É também um convite ao desconhecido. Não se sabe dos efeitos que um recurso aberto pode gerar. Ele pode ser utilizado por outro professor em um curso presencia; pode servir como base para a produção de um novo artefato em um curso a distância; ou ainda pode ser apropriado em um livro impresso e divulgado para centenas de pessoas, promovendo o autor original (Amiel, 2012, pg. 27)

Esta tem sido a busca almejada pelos participantes dos processos educativos, a dinamicidade dos processos e a transparência como possibilidade disponível à todos. Mas é necessário salientar que a emergência de mais estes aparatos não irão trazer eventos apocalípticos ou propiciar o término de práticas existentes, salvo se, houver apropriação dos atores dos processos e a articulação entre o que se fará nas salas e os elementos ideológicos que vivem os indivíduos, sem haver descarte diante dos papéis de cada um e do que empiricamente já foi construído." A criatividade e a inovação pedagógica só podem se manifestar em um ambiente que as permita florescer" (Amiel, 2012, p.28).

O desenvolvimento das mídias digitais proporcionaram um impulso para novas configurações de ensino. Não podemos, no entanto, ignorar que o discurso em torno de um maior acesso à educação pelas mídias não passa a esmo de entraves políticos e econômicos que historicamente rondam a relação entre mercado,(SILVEIRA, 2001; SORJ,2003 apud Amiel, 2012, p.23)

A novidade trazida para esta geração pelos REA, que descamba na sua principal característica diferenciando-o dos recursos já existentes, é a sua licença aberta, na qual os autores permitem a utilização de seus trabalhos por terceiros desde que façam

referências aos mesmos.

Só por meio do uso destas licenças é que a representatividade destes recursos poderão propiciar a utilização e amplitude do compartilhamento do conhecimento disposto em rede sem que haja a infração de direitos autorais, já que "as ideias são de uso comum e, por isso não podem ser aprisionadas pelo titular dos direitos autorais" (LESSING, 2009, p.31), já que a regulamentação sobre os direitos autorais foi, "claramente, [...] a composição de interesses econômicos e políticos"(LESSING, 2009, p.16), sendo o maior entrave para a sociedade que deseja ter acesso e os comerciantes que desejam ganhar "[...] a busca pelo equilíbrio entre a defasados titulares dos direitos e o acesso da sociedade ao conhecimento. " (LESSING, 2009, p.22).

As possibilidade trazidas pelos REA são contributivas para a humanidade na direção que os avanços alcançados pelas tecnologias tornarão exponenciais os saberes, multilaterais e multi referenciais, potencializando o saber coletivo, construindo um espaço significativo de multi referencialidade humana. As práticas educacionais abertas podem dar folego de novidade a escola tradicional, unindo educadores e educandos no sentido de construção de uma aprendizagem significativa, possibilitadas por políticas públicas que garantam a grande parte população brasileira fazer um uso ostensivo da praticas educacionais da contemporaneidade.

"A digitalização da cultura, somada à corrida global para conectar todos a tudo, o tempo todo, torna o fato histórico das redes abertas algo demasiadamente importante, o que demanda uma reflexão específica".(CARVALHO,2009, pg.9)

Reflexão que pontua uma serie de necessidades ainda a serem observadas e analisadas a acerca do aspectos cognitivos e motores das crianças em sentido de que estes REA precisam ser compreendidos sem desprezar os subsídios construídos e constituídos pela psicologia como as fases operacionais concretas.

Inspiração, motivação, colaboração : algumas considerações

Com o surgimento das novas tecnologias a insurgência da renascença de uma “nova educação” fez-se necessária para os modelos educativos vigentes até então, o novo perfil de sociedade baseadas momentaneamente na economia da criatividade, com desafios e necessidades que refletem esta mudança nesse novo espaço cibercultural propiciado por este novo ambiente de compreensão humana. É inegável que a insurgência das tecnologias digitais tem alterado significativamente o cotidiano, alógica e a compreensão sobre os espaços educativos. Ainda que nestes espaços o uso das tecnologias estejam se dando de uma forma que não é a ideal. Deste modo a escola ainda não conseguiu alcançar o patamar de espaço de apropriação e uso significativo das tecnologias.

A tecnologia criou novas demandas sendo uma delas uma dimensão mais amplificada do poder, a informação, o conhecimento passaram a ser mais valorizados que em todos os períodos já vividos pela humanidade chegando ao ponto de ser em dados momentos mais importante que o poder financeiro em si. Já que os conhecimentos os saberes movem todo o entorno. Deste modo conteúdos e perspectivas novas precisam ser entendidas e desfragmentadas no sentido do novo perfil do educador que deve emergir para o novo aluno aprendiz, ensinante e ressignificador do seu espaço de relação ou não. As mudanças propiciaram dois movimentos diferentes e divergentes o da continuidade e descontinuidade com os processos trazendo em contexto de convergência com abruptas mudanças.

Nos capítulos anteriores, foram pontuados aspectos que visam a discussão sobre as políticas adotadas nos usos destes aparatos digitais, bem como foram feitas críticas e pensados os desafios que estão sendo postos de forma cada vez maior para professores, alunos e pais diante do processo de tecnologização dos espaços sociais. Questões inerentes aos caminhos percorridos pelas tecnologias na difusão dos conhecimentos, aos processos colaborativos em abrupta expansão e as possibilidades trazidas pelas mesmas foram pontuadas ou reafirmadas como possibilidades, para a

apropriação e uso favorável da escola aos seus aprendentes e ensinantes.

Os processos ciberculturais, possibilitaram novas conexões antes inimagináveis, aproximaram culturas, espaços temporais e espaciais distantes, possibilitando a construção de caminhos hipertextuais acessíveis a todos os indivíduos imersos neste ambiente, claramente a realidade de inserção dos sujeitos nestes processos ainda não estão da forma que seriam ideais ou que muitos teóricos nos trazem principalmente em se tratando da realidade brasileira, ainda há muito que se caminhar neste sentido, mas muito também já foi e esta sendo construído. Por meio destas construções os processos ainda restritivos tendem a se abrir de forma cada vez mais rápida, principalmente porque para o mercado de trabalho esta é uma demanda crescente e necessária para adequação dos indivíduos neste espaço que é por sua própria constituição o espaço de infinitudes.

A cibercultura, para alguns proporciona uma sensação de compreensão e abrangência da universalidade, quando na verdade segundo Levy ela provoca uma modesta interpretação do universal. O ciberespaço cria possibilidades na educação na arqueologia do ciberespaço e construindo um espaço participativo, partindo de possibilidades diversas, como interatividade, conectividade, conhecimento e constituição de novas redes. Ciberespaço este que está cada vez mais acessível devido a popularização de aparatos tecnológicos como celulares com acesso a redes sociais, tablets barateados, e outros elementos que compõem este cenário digital.

Sendo assim verificamos que este ambiente tem cada vez mais se tornado acessível e acessável, aberto e reconfigurável exigindo de todos os seus participantes, um uso, que necessariamente não significa apropriação, para que possa ocorrer, a escolarização ou outros aprendizados, apresentando-se como possibilidade para a valorização de um ambiente cada vez mais, multirreferencial e rico.

Diante disso, compreender o SL como um grande ganho nos processos de valorização da abertura é potencialmente importante, na medida que o desenvolvimento deste, apresenta melhorias nas práticas vigentes e uma alteração essencial para o crescimento da liberdade de criar, aprender e recriar sobre estes aprendizados, podendo adequar-se ao contexto, realidade e necessidade de cada indivíduo ou de seu grupo social.

As dimensões da rede estão amplificadas, se antes a rede de cada um restringia-se a rede escolar, do bairro ou do trabalho já não cabe mais esta compreensão sobre a rede, que adquire sentido hoje de grandeza exponencial, tornando-se a mesma ramificada, desraigada e desterritorializada, ela é livre em sua arquitetura, criando

integrações e desintegrações em contextos de diferenças, executando um papel de integração, mas também de desintegração nos espaços digitais. Quantos de nós não temos pessoas que consideramos íntimas e que estão distantes fisicamente, mas próximas a um clique ? Ou que conheçamos que já viveram ou vivem um amor virtual? Ou que, simplesmente, mantemos contato após os caminhos terem se distanciado?

Se a rede em alguns momentos se torna a vilã em quantos outros não se torna o espaço onde podemos ser como somos, compartilhando nossas desventuras e aventuras desnudos da nossa própria realidade, tornando-se o espaço de liberdade obviamente, pareço muito apocalíptica em muitos momentos em outros a cinderela que acredita no príncipe, não se trata de ser apocalíptica ou alienada, mas de ser como um software livre aberto, reconfigurável, melhorado e colaborativo.

Nesse reflexão sobre o digital, a cibercultura e a profusão que envolve a esse temática, o que nos parece distante do fim é uma conclusão, pois a infinidade de possibilidades sobre as quais pairam esta nos conduzem a um caminho distante de seu término, muito próximo de seu meio mas infinitamente distante das suas conclusões.

Colaboração é a palavra da vez, os novos modelos de sociedade nos demandam e nos trazem novas práticas dentre as quais ser colaborativo parece ascender um indivíduo a um lugar melhor na condição humana. Hoje os softwares livres são a grande opção e representação do sucesso dos processos colaborativos, dado a sua instabilidade, entenda-se esta palavra por melhoramentos, representam um alternativa eficaz de proteção aos ataques sistêmicos que constantemente ocorrem na rede, é uma forma eficaz de fortalecer a segurança da rede diminuindo progressivamente a vulnerabilidade de dados, potencializando as proteções pela sua grande contingência de usuários e conseqüentemente melhoramentos/aperfeiçoamentos/atualizações.

Assim como os processos de colaboração e abertura tem se fortalecido, outros mecanismos caminham nesta perspectiva de fortalecimento, os de controle, apropriação e aprisionamento dos saberes, contrariando ou reforçando certas lógicas presentes na sociedade do capital, apresentando-se como discursos sistematizadores, controladores e apropriadores em diversa frentes, tendo implicações diretas/indiretas sobre os indivíduos e seus grupos.

Quando se fala em tecnologia é preciso pensar em varias perspectivas que vão do acesso a qualidade deste acesso, para que não caíamos no abismo da tentativa de homogeneizar, tempos diferenciados, realidades excludentes entre si, no tipo de tecnologia e acesso que queremos.

Vivemos a era de divergências, a medida que as proteções em rede aumentam, o acesso diminui, quando afirmo diminui, refiro-me às constantes disputas sobre quem detém ou não direito sobre determinado bem, já que são crescentes as disputas pelos mecanismos de controle e acesso, disputas entre o autor e os detentores da propriedade intelectual. Os desentendimentos, sobre quem poderá explorar o direito autoral são desde a antiguidade, mas na contemporaneidade tem ganhado cada vez mais poder já que os mais abastados poderão sempre mais em detrimento do menos favorecidos na perspectiva da sociedade do capital, na qual a minha opinião não está favorável ou contrária a ela, mas apenas reforçando antigas constatações para o bem de uns e para mal de outros ela existe e esta latente e sendo reforçada a cada momento em nossas ações diárias, sendo criados para tal os sistemas d´auteur e *copyright* na busca de manter os direitos do autor e da sociedade em ter acesso aos saberes produzidos pelos mesmos.

Outra palavra da qual muito se fala é acesso, quando hoje se utiliza esta palavra ela adquire muitos sentidos acesso a direitos essenciais como saúde, educação, lazer que são alguns do princípios de seguridade social obrigatórios a nossa unidade federativa, dentre os quais o acesso a educação tem sido bastante difundido, sendo este por duas vias a presencial que já caminha há muito no Brasil e à distância que ainda engatinha mas que dada o suas facilidades e a seus custos tem dado grandes passos, assim é necessário que caminhemos no sentido de melhoria de qualidade de ambas modalidades sem que seja necessário fragilizar uma para fortalecer a outra.

A educação a distância em muitos países já é uma realidade firmada, mas há que se pontuar que para esta realidade se firmasse foram necessárias uma serie de adaptações, compreensões e aprendizados de quem proporciona e de quem é proporcionado pela mesma, a realidade brasileira é permeada por uma diversidade de questões, ansiando um crescimento da mesma, mas para tal não pode criar uma pretensa realidade de que os investimentos devem se concentrar apenas nesta modalidade já que o ideal seria o investimento maciço na diversidade de modalidades existentes .

Na EAD pressupostos tradicionais e moralistas não se adequam, pois toda sua dinâmica é diferenciada, inerente a sua própria especificidade,ela é uma realidade da qual devemos nos apropriar, é preciso se construir sobre ela mais do que a conexão aluno computador, é preciso se constituir um elo, aluno, computador, professor, aprendizagem, para que a construção de um ambiente de aprendizagem real seja construído e apropriado por todos os lados que compõem a mesma, educadores/ mediadores/tutores e educandos/mediados/alunos. Um projeto pedagógico efetivamente pensado, para o

ambiente virtual respeitando suas especificidades e sua arquitetura notadamente terá sobre a EAD um impacto significativo de melhorias.

Nessa compreensão, os REA e EAD, apresentam-se como uma ganho, para uma nova dinâmica, aos papéis antes definidos como imutáveis, sem que com isso cada um perca o seu papel, mas qualitativamente trazendo um deslocamento, ativando um remelexo, diálogo e discussão entres os participantes dos processos e de seus recursos tecnológicos.

Por meio de suas constantes mudanças a sociedade se moderniza e retrocede em práticas medievais, a modernização sobre a educação além dos meios anteriormente trazidos vem por meio dos recursos educacionais abertos ou simplesmente REA, que representam hoje uma modernização dos antigos recursos áudio visuais, sendo um desafio no sentido da construção de uma perspectiva de emancipação e uso crítico de seus utilizadores, sobre eles é essencial pensar até que ponto estes recursos tem sido utilizados para a modificação da forma de fazer acontecer a aprendizagem, pois os mesmos representam uma modernização e um acréscimo às práticas utilizadas, mas nada acrescentaram se forem utilizados como muletas para a fragilizada forma de fazer acontecer o aprendizado.

É preciso que, independente do recurso a ser utilizado na educação presencial, EAD ou aberta, o indivíduo assimile a linguagem da qual se fala e acontece a educação e se aproprie tornando estes espaços em que possa construir, reconstruir e ter liberdade. Pois sobre os recursos digitais ainda há muito que se refletir e contextualizar ainda, o maior desafio na era do digital é conseguir unir os anseios da constante digitalização com a busca que deve sempre estar presente pela emancipação do indivíduo, assimilando a linguagem da qual se fala, que ainda é uma busca presente na sociedade independente de qual aspecto se aborde ou de qual tecnologia se desenvolva.

Concluir sobre a tecnologia, o digital deve ser uma ação ainda distante, talvez até inexistente, pois acredito que no dia em que as mesmas puderem ser concluídas, logo não representam um desafio e uma nova possibilidade a sociedade pois já foram desvendadas e seus mecanismos de interesses intangíveis alcançados, representando assim um aparelho obsoleto, ultrapassado.

Acreditar que os instrumentos utilizados para a aprendizagem nos processos humanos, culturais e de ensino- aprendizagem serão aqueles, que salvarão de forma isolada a forma do fazer, é um erro que constantemente se apresenta, pensar que qualquer que seja o instrumento, método ou aparato tecnológico e analisa-lo como

salvador de modelos de educação falidos, desprezando-se bases empíricas construídas, deve ser superado, para a compreensão e ação que todo sucesso seja ele em qualquer perspectiva que se pense, deve ser inter-relacionado com uma diversidade de métodos e instrumentos.

Existem muitas críticas sobre os usos e desusos das redes colaborativas, abertas e todo pensamento, método, modelo ou instrumento que se apresenta ao desenvolvimento da sociedade, assim como também existem experiências positivas de uso e construções diversas, possibilitadas pelas mesmas.

Dialogando-se com a diversidade de uma prática, integrada com o desenvolvimento humano e tecnológico, distante da linearidade hora tida como necessária. Adequando-se a uma nova postura pedagógica. Os recursos quais quer que sejam podem contribuir para o enriquecimento cognitivo da aprendizagem que se relaciona a escola, ou não, mas ainda que não contribuam o que não creio, inegavelmente tem tornando o ambiente mais rico, o que é um ganho qualitativo que a sociedade a todo momento amplifica, mas é preciso se pensar se estes recursos aumentam a probabilidade sóz ou se asseguram a efetividade de sucesso dos mesmos para que não caiamos novamente na crença da antiguidade e façamos julgamentos precipitados.

Referências

Amadeu, Sergio. **Inclusão digital, software livre e globalização contra- hegemônica** . Parcerias estratégicas – numero 20- junho 2005

Anjos, Mateus Ubiratan; Andrade, Cláudio César. **A relação entre educação e cibercultural na perspectiva de Pierre Lévy**. Revista Eletrônica Lato Sensu – UNICENTRO . Ed. 5 Ano: 2008

Cardoso, G. **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2007

Carvalho, Jaciara de Sá , et al. **Educação na Cibercultura: comunidades de aprendizagem para a mobilização da inteligência coletiva**.

Couto, E e Brito T.(org) A vida no Orkut narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador, EDUFBA,2010.

Lemos, A e Levy P. **O futuro da internet : Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo, Paulus, 2010.

LESSIG, L. **Cultura Livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade**. São Paulo, Trama, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999

Santaella, Lúcia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**". Editora Paulus, 2007

Lemos, A e Levy P. **O futuro da internet : Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo, Paulus, 2010.

Lemos ,André. **CIBER-CULTURA-REMIX**. Seminário "Sentidos e Processos". São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005.

Lévy, P. **Educação e cybercultura:a nova relação com o saber**. Disponível em http://miniweb.com.br/Educadores/artigos/pdf/pierre_levy.pdf, acesso em 19/01/2011

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa : planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo, Atlas, 2011.

Nova, Cristiane e Alves Lynn. **Educação à Distância: Limites e Possibilidades** .São Paulo: Futura, 2003.

Pretto, Nelson de Lucca. **Redes colaborativas, ética hacker e educação** . Educação em Revista | Belo Horizonte, v.26, n.03, p.305-316, dez. 2010

PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.). **Além das redes de comunicação: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador, Edufba, 2008.

Ramal, Andreia Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Artemed,2002.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson De Luca (Org). Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas políticas públicas, Edufba, 2012.

SANTOS, Edmea. **Educação online para além da EAD : um fenômeno da cibercultura**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 ISBN- 978-972-8746-71-1

<http://www.youtube.com/watch?v=o8vRbna0wmM>, acessado em 14/05/2012

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1654/1331>

Silva, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e on-line. Dossiê ABCiber, 2008

Nova, Cristiane e Alves Lynn. **Educação à Distância: Limites e Possibilidades** .São Paulo: Futura, 2003.